

Di...vulgar

José Oliveira Barata



Luciano Reis, *Os grandes dramaturgos portugueses*, Lisboa, SeteCaminhos, 2005, 88 pp.

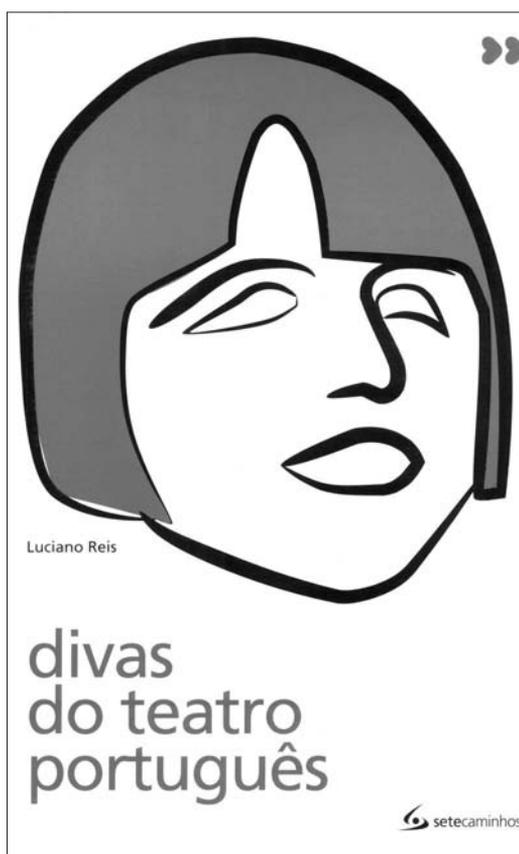
extraordinária com dois volumes intitulados *Parque Mayer*, respectivamente sobre os períodos de 1922 a 1952 e de 1953 a 1973.

No que se segue, recensearei apenas o volume *Os grandes dramaturgos portugueses*. É, no mínimo, incompreensível que quem realiza este trabalho não tenha, perante tanta fonte que diz ter compulsado, sabido escolher o essencial; que não tenha compreendido, por um instante sequer, que não divulga absolutamente nada porque omite não raro o essencial e fica-se pelo acessório. Ao contrário, presta um mau serviço à divulgação dos nossos autores dramáticos reduzindo-os, quase todos, a lápides tumulares onde pouco mais se inscreve que a data de nascimento, da morte e, pelo meio, a referência acritica a duas ou três obras que nos legaram. Para mais, ficamos por compreender o critério na selecção dos nomes apresentados. Ou melhor: ficamos a saber que o critério seguido é afinal um "não critério". Em meia página de apresentação, o autor procura justificar o trabalho relativo a 359 dramaturgos "cujas datas de morte se situam entre o século XIX e o século XX", num esforço que se reconhece incompleto, "visto a tipologia desta colecção"(!). Numa *captatio benevolentiae* que caberá ao leitor confirmar ou infirmar, Luciano Reis diz do trabalho "feito" e do "por fazer": "consultando as páginas desta obra, pode-se calcular o trabalho de investigação a que nos entregámos por longos anos. Noutros volumes que preparamos (...) remediamos muitas das faltas que neste se poderão notar, como é o caso das biografias aqui incluídas, em forma de enciclopédia ou em edições individuais". Mas os critérios? Também há resposta: "Como em todos os trabalhos editoriais, fazer uma selecção implica estabelecer critérios. Este é o que nos propusemos" (p. 5). O autor ignora que o "critério" e a "crítica" são parentes pela etimologia e quase siameses na atitude que legítima escolhas.

Assim, quem pensar que nesta divulgação encontrará informações seguras, dificilmente lerá um qualquer enquadramento periodológico, genológico, uma pista para ir mais longe. Como quem coleciona "cromos", o autor resolveu, em noites de insónia por certo, respigar umas tantas linhas de obras de referência segura e foi-se dando ao terapêutico trabalho (para si supomos!) de preencher uma caderneta de cerca de oitenta páginas.

Querem exemplos? Ai vão dois ou três que o espaço é pouco e o tédio é grande. Começemos por Júlio Dantas. Qualquer amador dramático saberá mais do que aqui se pode ler: "Nasceu em Lagos em 1876 e faleceu em Lisboa

Em nome da divulgação tudo parece permitido. Mais: sabendo-se da escassez de recursos de apoio com que se defrontam os estudiosos e práticos do teatro, as tendências desculpabilizantes acabam por deixar no limbo da crítica o que manifestamente só tinha total expiação no braseiro infernal. Dirá o leitor que esta é uma retórica ultrapassada, própria de coluna de opinião de periódico do século XIX. Exactamente. É o que apetece escrever quando se lêem alguns dos mais recentes títulos sobre assuntos teatrais patrocinados pela Editora SeteCaminhos. Se alguém adquirir estes pequenos volumes, terá à partida um duplo trabalho: ler a quase nula informação que lhe é facultada e correr em busca de alguns dos livros indicados como fontes, na bibliografia final. Tal é especialmente válido no que diz respeito aos títulos *Teatros portugueses* e *Os grandes dramaturgos portugueses*, ambos de Luciano Reis. Trata-se de um prolífico autor, igualmente responsável pelas seguintes obras, todas editadas em 2005, pela mesma SeteCaminhos: *Laura Alves: A rainha do palco*; *Os grandes actores portugueses*; *Divas do teatro português* e *História do circo: Famílias e modalidades*. Juntamente com Jorge Trigo, Luciano Reis avançou ainda neste ano de colheita



no ano de 1962. Autor de uma extensa produção dramática, estreou-se em 1899 com a obra *O que morreu de amor* (p. 39). Pode não se ter muita simpatia por Júlio Dantas mas, por certo, a sua importância no domínio da dramaturgia portuguesa também não é assim tão escassa que se extermine uma vida logo no momento em que se estreia...

E Ramada Curto? Sobre este podemos ler o seguinte: "Nasceu em Lisboa em 1886, onde faleceu no ano de 1961. A primeira peça que escreveu foi *O estigma*, encenada por Araújo Pereira em 1905, para o espectáculo inaugural do Teatro Moderno" (p. 38). Pronto!

Mas se julga que houve preocupação com outros nomes a que o labor da investigação científica dedica aturada atenção, desengane-se, caríssimo leitor. Leia as páginas do *Arquivo solto* da presente revista, onde Rita Correia resume o projecto de António Ferro e a sua importância na história do teatro português; para o bem e para o mal. Depois procure a página 44 do livrinho que referimos e fique a saber o que não interessa, ou o que interessa muito pouco: "Nasceu em Lisboa em 1895, onde faleceu no ano de 1956. Escreveu para o teatro: *Eu sei dançar, Qual é a coisa, qual é ela?, A mulher fatal e A encruzilhada*" (p. 44). Contente-se pois, pelo menos, sempre lhe mostram uma fotografia do ideólogo do Estado Novo.

Ignora-se que outros títulos nos irão surpreender. O que preocupa é essencialmente a ligeireza intelectual que parece presidir a todo o plano; pelo que omite, pela forma acrítica como se desenrola a sua apresentação pública, fazendo, eventualmente, crer ao menos informado que a vida do espectáculo português é um somatório de nomes e de datas.

Divulgar desta forma reforça a ideia de que a nossa produção dramática é anémica; que apenas devemos voltar o nosso olhar para as nossas "divas", para as "rainhas do palco" e para os "grandes actores" que pontuaram o itinerário dramático entre nós. Porém, objectivamente, trabalhos e projectos redutores como estes não "divulgam", antes "vulgarizam" a banalidade. E fazem-nos pensar que só encontram espaço porque uma estruturada política de investigação científica, neste como em outros domínios, está em entre nós por apoiar. Não provocam nem o tão português corporativismo – com que se minimizam as críticas bem intencionadas –, nem invejas tontas, frequentes entre oficiais, mestres ou aprendizes do mesmo ofício. Apenas um mal-estar tristonho, muito à António Nobre, a clamar por um Jorge que venha ver o nosso país cheio de pus e gangrena, *sans rancune*...